

# 18<sup>o</sup> Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### POR UM ENSINO DE ÉTICA JORNALÍSTICA TRANSVERSAL E INTERDISCIPLINAR

Guilherme Carvalho<sup>1</sup>, [guilhermegdecarvalho@gmail.com](mailto:guilhermegdecarvalho@gmail.com)  
Mauri König<sup>2</sup>, [maurik4.6@gmail.com](mailto:maurik4.6@gmail.com)

#### RESUMO

O artigo procura contribuir para a reflexão a respeito do ensino de ética nos cursos de jornalismo, partindo do princípio de que ética não deve ser uma disciplina alijada da interação com as demais disciplinas de uma formação profissional. A partir de um debate teórico sobre o tema, resgatando referências a respeito do assunto, sustentamos que o ensino de ética jornalística deve ser capaz de responder às necessidades de formação de jornalistas para a sociedade. Nesse sentido, dialogamos com propostas do campo da Educação para se pensar projetos metodológicos que incluem a transversalidade e a interdisciplinaridade como referência para um ensino de ética holisticamente constituído e capaz de superar limitações do campo acadêmico do Jornalismo.

#### PALAVRAS-CHAVE

Ética jornalística. Ensino de jornalismo. Transversalidade. Interdisciplinaridade.

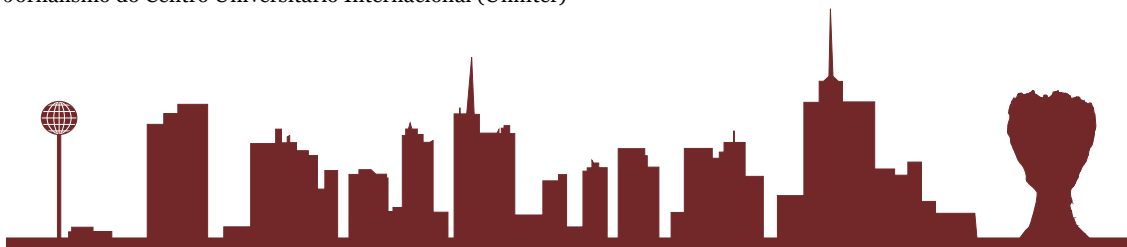
#### 1. APRESENTAÇÃO

A ética é circunstancial (RESTREPO, 2003) e, sendo assim, cada dilema que se apresenta implica em uma escolha inerente à consciência do indivíduo. Mentir ou dizer a verdade, escolher entre o bem e o mal, agir de forma que a conduta sirva de exemplo para os demais, são disposições próprias do indivíduo que fazem a moral transbordar também para o comportamento coletivo e para as instituições.

---

<sup>1</sup> Doutor, professor do Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional (Uninter), em Curitiba, e do programa de Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

<sup>2</sup> Mestrando em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professor do Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional (Uninter)



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Skinner (1974) entende o comportamento moral ou justo como produto de tipos especiais de contingências sociais e sugere que precisamos analisar tais contingências se pretendemos construir um mundo em que as pessoas ajam moral e equitativamente. “A comunidade funciona como um ambiente reforçador no qual certos tipos de comportamento são reforçadores e outros punidos, mas mantém-se como tal através de outros benefícios que recebe” (SKINNER, 1974 p. 233).

Nesse contexto, a ética se torna um hábito adquirido (PEREIRA JUNIOR, 2009). Isto é, agimos conforme os usos e costumes que aprendemos no nosso grupo social ou familiar e passamos adiante o que aprendemos a partir das nossas ações. De modo que se nos espelharmos em exemplos éticos, tenderemos a agir de forma ética e passar à frente esse padrão de conduta.

Diante disso, daria para sistematizar tais condutas de forma a convertê-las em disciplina aplicada a uma formação profissional? Em caso afirmativo, quem estaria apto a ensinar ética? E sob quais parâmetros, modelos e referências? A teoria seria suficiente para ensinar o melhor a se fazer no exercício de determinada profissão? De outro lado, a prática bastaria como modelo de conduta sem trazer junto uma reflexão teórica a respeito da ética aplicada a essa profissão?

Este artigo se propõe a contribuir para a reflexão a respeito destas questões, partindo do princípio de que ética não deve ser uma disciplina alijada da interação com as demais disciplinas de uma formação profissional. No caso do Jornalismo, essa formação tampouco deve ser terceirizada a profissionais de outras áreas ou ao mercado. O que se discute é a necessidade de um docente capaz de empregar a deontologia jornalística como amálgama para fundir prática e teoria. Para tanto, sustentamos que o ensino de ética jornalística capaz de responder às necessidades de formação de jornalistas para a sociedade depende necessariamente da adoção de propostas metodológicas que incluem a transversalidade e a interdisciplinaridade.



# 18<sup>o</sup> Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

## 2. A TRIDIMENSIONALIDADE NO ENSINO DE ÉTICA JORNALÍSTICA

Os professores das disciplinas de ética em jornalismo são desafiados cotidianamente a estabelecer relações entre três dimensões fundamentais interdependentes sobre os quais se estruturam os conteúdos desta disciplina: a) a pesquisa e produção científica a respeito da temática em debate; b) as normas e princípios que dizem respeito à ética jornalística; c) aspectos do cotidiano da profissão e seus dilemas éticos. O domínio tridimensional sobre o ensino de ética implica uma desafiante capacidade de articulação, baseada na experiência científica, organizacional e profissional dos professores.

Vejam os de modo mais detalhado: quando falamos de pesquisa, nos atermos ao ambiente acadêmico/científico, ligada, assim, às atividades que relacionam aspectos teórico-conceituais do jornalismo, o desenvolvimento de pesquisas e o referencial bibliográfico do tema. O conhecimento das normas encontra-se em um meio termo, uma vez que a aplicabilidade encontra espaço na extensão universitária e atividades laboratoriais na sua relação com o ensino, orientados pelos professores, e também se apresenta no cotidiano profissional, verificando-se os órgãos de classe responsáveis pelo resguardo dos códigos deontológicos do jornalismo. No caso brasileiro, esta responsabilidade coube aos sindicatos de jornalistas e seus respectivos conselhos de ética na falta do conselho federal<sup>3</sup>. Já os aspectos do cotidiano são de ordem prática e se encontram na relação do jornalista com o ambiente profissional interno e externo ao jornalismo, sobretudo nos processos de produção.

O ensino de ética encarado de modo holístico, deve considerar estas três dimensões, exigindo dos professores um domínio mais ou menos elaborado e

---

<sup>3</sup> A constituição de um conselho de ética com poder de sanção estaria ligada a criação do Conselho Federal dos Jornalistas, órgão que passaria a regular a emissão de registros profissionais, podendo, portanto, definir os aptos e não aptos a exercer a profissão de jornalista. Hoje a emissão dos registros é uma prerrogativa do Estado, por meio do Ministério de Trabalho. Como aponta Abreu (2004), o projeto de lei proposto pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), apresentado em outubro de 2003, foi executado pelos deputados, atendendo aos interesses das grandes empresas de comunicação no Brasil.



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

equilibrado entre eles. Este é um primeiro desafio a ser superado no campo acadêmico tendo em vista a dificuldade de encontrar associados em um único indivíduo os conhecimentos e as competências nestes três ambientes. Em muitos casos, o perfil dos professores expressa um desequilíbrio entre prática, didática ou teoria.

Os fatores que contribuem para limitações como esta decorrem sobretudo, do modelo a partir do qual foram estruturados os cursos de jornalismo no Brasil, responsáveis pela formação em graduação dos atuais professores da área.

Ao descrever os cinco principais problemas a serem superados na pesquisa em Jornalismo, Meditsch (2012) aponta que o principal deles é a separação entre teoria e prática. A atual dicotomia presente nos cursos seria decorrente de fatores históricos e político-econômicos, associada à proposta elaborada pelo Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (Ciespal), atendendo a interesses norte-americanos.

Nos anos 1970, definiu-se que as escolas de jornalismo deveriam estar vinculadas ao curso de Comunicação Social, transformando jornalismo em uma habilitação. Os efeitos desse processo, que vão muito além do nome do curso, resultaram na ênfase a uma formação ora técnica, ora teórica. (...) esta teoria não responde às questões suscitadas pelas práticas profissionais a que as escolas dedicam a sua formação: jornalistas, publicitários, relações públicas, etc. Estas práticas passam a ser reproduzidas sem nenhuma reflexão a respeito, a não ser aquela que as nega (...). (MEDITSCH, 2012, p. 110).

Boa parte dos problemas que dificultaram o aprendizado de questões específicas do Jornalismo estão associados à sobreposição da Comunicação sobre o campo do Jornalismo. Esta condição não é uma exclusividade brasileira, como atestam Rüdiger (2017), Figueira (2016) e Zelizer (2008). Envolve também a disputa histórico-política, cujas ações buscaram reduzir a autonomia dos jornalistas. É o que explica, em boa parte, porque a ética jornalística, por



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

um bom tempo, foi tema evitado nas escolas de comunicação social ou foi tratado sem que houvesse relações com as lógicas do mercado.

A formação dos atuais professores de jornalismo do Brasil se deu em escolas cujos currículos foram elaborados dentro desta dinâmica. Os cursos de bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, cuja formação era mais abrangente, tocavam em diferentes temas da área da Comunicação já que os perfis a serem formados eram aqueles mais genéricos. Por outro lado, questões específicas do Jornalismo, entre elas a teoria do jornalismo, eram ignoradas.

Deste modo, a ética jornalística era marginalizada por dois motivos. Primeiro, as exigências para ser professor nos cursos de comunicação social eram menos rigorosas, incluindo a titulação e formação na área. Assim, era comum encontrar professores de outras áreas dando aula em cursos de jornalismo. Temas específicos como ética jornalística, quando incluíam uma disciplina própria, eram destinados a professores “práticos”, cujos conhecimentos teóricos e didáticos geralmente eram mais limitados. Este, então, é o segundo aspecto, já que as escolas de comunicação no Brasil estavam estruturadas dentro de uma lógica dicotômica entre teoria e prática. Os cursos tinham maior ênfase na prática e na técnica, o que era mais perceptível nas instituições privadas; já a maioria das públicas, até mesmo pela escassez de equipamentos e laboratórios, davam maior ênfase na teoria (MEDITSCH, 2012).

Quando ocorriam debates nos cursos, entre eles a questão do ensino de ética, algumas distorções decorriam de outros fatores para além dos aspectos didáticos. Afinal, a ética jornalística não é a mesma da dos publicitários ou dos relações públicas. Consequentemente, observa-se a ausência de uma tradição nesse tipo de debate no campo acadêmico, desfavorecendo o aprofundamento da reflexão sobre o ensino e o exercício ético-profissional. Os resultados deste esvaziamento aparecem mais nitidamente nos diversos e cotidianos casos de



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

afrenta aos códigos deontológicos jornalísticos (NUNES, 2019; KÖNIG, 2019) e na dificuldade em garantir a sua aplicação (CARVALHO, 2019).

Nos últimos anos, este cenário tem se modificado gradualmente. Os atuais professores, formados neste modelo, vivem um período de transição impulsionado por movimentos no campo acadêmico e científico, principalmente em defesa do campo científico autônomo do Jornalismo.

Uma das mudanças recentes que propõem a superação destas limitações no Jornalismo foi a aprovação das novas diretrizes curriculares de Jornalismo. Encabeçado por importantes pesquisadores e escolas de jornalismo do país, com apoio de entidades de classe e organizações de pesquisa na área, o Governo Federal aprovou a resolução 1 de 27 de setembro de 2013, da Câmara de Educação Superior do CNE/MEC, que instituiu as novas diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Jornalismo no Brasil, substituindo a resolução número 16 do CNE/CES, de 13 de março de 2012. Em vários momentos o documento procura enfatizar a necessidade de associação entre teoria e prática na área (DIRETRIZES, 2013).

### 3. AVANÇOS NO ENSINO DE ÉTICA EM CURSOS DE JORNALISMO

É possível aprender ética jornalística? A questão causa certo desconforto em quem trabalha com esta disciplina. Uma vez que o que se entende por ética se materializa nas ações individuais, a ética poderia ser apreendida apenas no cotidiano profissional. O jornalista, portanto, só poderia compreender o que é ética na medida em que encarasse os dilemas éticos, quando, então, sua moral seria verdadeiramente testada.

A esta questão, Costa (2009) responde com a afirmação de que “a ética do marceneiro não basta”, referindo-se à célebre frase de Claudio Abramo (1988). Primeiro, porque ética e moral são coisas distintas, como apontam Karam (1997) e Bortolotti (2019). Segundo, porque cada atividade profissional tem suas especificidades e, portanto, seus próprios dilemas éticos (KÖNIG,



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

2019). Terceiro, porque é preciso refletir sobre a ética, compreender a origem dos códigos deontológicos e a mesma precisa ser exercitada em ambientes simulados antes de o jornalista em formação ser exposto ao ambiente profissional, onde muitas vezes os erros são incorrigíveis (COSTA, 2009).

O pesquisador britânico Phil Harding entende que uma formação ética continuada é essencial no jornalismo. Ele afirma isso após realizar pesquisas em nome do *National Council for the Training of Journalists* (Conselho Nacional de Formação de Jornalistas), do Reino Unido, no âmbito do escândalo de escutas telefônicas em que os repórteres do jornal *News of the World* tiveram acesso ilegal a ligações telefônicas de celebridades, políticos e vítimas de crimes. Isso se deu entre 2007 e 2011, quando o jornal foi fechado por causa disso (BBC, 2011, online).

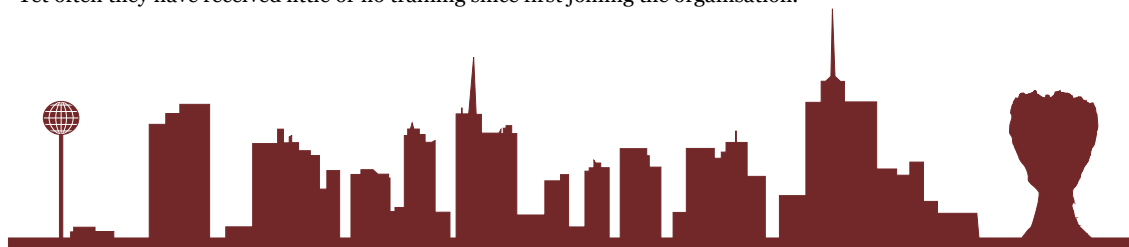
Em relação aos fundamentos éticos do jornalismo, Harding observa dois estágios na carreira. O primeiro se refere ao treinamento de quem está ingressando no jornalismo, o segundo tem a ver com os veteranos. “O início da carreira de alguém é um momento importante na formação de sua mentalidade profissional”<sup>4</sup> (HARDING apud GREENSLADE, 2013, online).

Já os jornalistas seniores ou em meio de carreira delegam tarefas e exercem papel de liderança editorial. “No entanto, muitas vezes eles receberam pouco ou nenhum treinamento desde a primeira vez que ingressaram na organização”<sup>5</sup> (Idem, 2013, online). Como ironiza Harding (2013), espera-se que eles adquiram por osmose as habilidades editoriais, de liderança e de gestão necessárias para exercer as suas funções.

Ao afirmar ser possível atender às recomendações de um código regulador sem precisar entender o raciocínio por trás dele, Harding quer dizer que essa regra não vale para questões éticas, uma vez que bons jornalistas não precisam apenas saber o que é certo ou errado, também precisam entender o porquê. “Mas ensinar regulamentação sem ensinar ética é um pouco como

<sup>4</sup> The start of anyone's career is an important time in forming their professional mind-set.

<sup>5</sup> Yet often they have received little or no training since first joining the organisation.



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

pregar os 10 mandamentos sem dar qualquer entendimento sobre religião”<sup>6</sup> (HARDING apud GREENSLADE, 2013, online).

As pesquisas de Harding para o *National Council for the Training of Journalists* resultaram em um artigo publicado no livro de coletâneas *After Leveson? – The future for British journalism* (Paperback, 2013). Greenslade (2013) reproduz algumas das respostas que mais surpreenderam Harding e que reforçam a necessidade de uma formação ética para jornalistas seniores ou em meio de carreira:

A lacuna [na ética] é realmente com os editores seniores [...]. Se vai haver uma mudança rápida na cultura do jornalismo neste país, então tem que haver uma reeducação dos editores [...]. O jornalismo deve ser uma das únicas profissões ou ofícios em que o único lugar onde você faz qualquer treinamento ou desenvolvimento é no começo. Depois disso, espera-se que você escolha essas coisas. (GREENSLADE, 2013, online).

A essas conclusões, Harding acrescenta que quase todas as profissões exigem que seus integrantes busquem algum desenvolvimento profissional contínuo para garantir que estejam atualizados na atividade. “Os advogados têm de fazer isso, os médicos também. Até mesmo os encanadores precisam ser treinados novamente para se adequarem à última caldeira”<sup>7</sup> (HARDING apud GREENSLADE, 2013, online).

Ainda segundo o pesquisador britânico, “todos concordaram que ensino da ética jornalística precisava ser fundamentado e baseado em histórias de casos práticos da vida real”<sup>8</sup> (Idem, 2013, online). Assim, esse treinamento não deve ser delegado a terceiros. A formação ética na profissão deve ser liderada por jornalistas, segundo ele. “Parece haver uma necessidade substancial de um programa de desenvolvimento profissional contínuo em todo o jornalismo. Esta

---

<sup>6</sup> But teaching regulation without teaching ethics is a bit like preaching the 10 commandments without giving any understanding of religion.

<sup>7</sup> Lawyers have to do it, so do doctors. Even plumbers have to be retrained to fit the latest boiler.

<sup>8</sup> Everyone agreed that the teaching of journalistic ethics needed to be grounded in, and based on, real-life practical case histories.





# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

não é uma responsabilidade que possa ser atribuída aos advogados ou ao departamento de RH”<sup>9</sup> (HARDING apud GREENSLADE, 2013, online).

A partir deste ponto de vista, é possível, então, pensar não apenas sobre a importância do ensino de ética na formação profissional, mas, em uma perspectiva teórica organizacional, se deve assegurar um ensino/aprendizagem contínua da ética jornalística, mesmo após a titulação de graduação, já que muitos dos vícios antiéticos que continuam a ocorrer, são exercidos pelos que se tornam referência para os novos jornalistas que ingressam neste mercado.

Preocupado com a qualidade do ensino de ética jornalística no Brasil, Christofolletti (2011) perguntou a professores questões relacionadas a esta atividade. Dentre as principais dificuldades relatadas pelos próprios professores está o fato de que muitos não têm clara uma metodologia de ensino mais adequada para a disciplina de ética. Em partes, o problema reside no fato de que os professores, na grande maioria dos casos, não foram formados em licenciaturas, mas nos bacharelados, o que enriquece a experiência profissional prática, mas esvazia os aspectos didáticos.

Sem clareza de alguns fundamentos da Educação, carentes de instrução formal para o magistério superior e vivendo numa cultura ainda incipiente de debate pedagógico na área, os professores de jornalismo fragilizam seu papel na formação dos novos profissionais que vão movimentar as redações dos meios de comunicação e as agências de comunicação. Some-se a isso o fato de que a dimensão ético-profissional não assume papel central na formação dos novos profissionais, ao menos pelo que se percebe pelas respostas colhidas nos questionários da pesquisa: as disciplinas são híbridas, muitas vezes não contagiam outras matérias, têm duração limitadora e mesclam seus conteúdos com saberes de outras áreas, diluindo a ênfase na discussão de dilemas éticos e situações de tomada de decisão na profissão. (CHRISTOFOLETTI, 2011, p.31)

Atualmente é possível dizer que disciplina de ética aparece na maioria das grades dos cursos de jornalismo<sup>10</sup>. O tema, inclusive, ganhou muito espaço

---

<sup>9</sup> There seems to be a substantial need for a programme of continuous professional development across journalism. This is not a responsibility that can be farmed out to the lawyers or the HR department.



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

com as novas diretrizes curriculares para os cursos de Jornalismo. O documento está dividido em quatro competências que orientam de que maneira os cursos devem ser estruturados em seus projetos pedagógicos. A necessidade de uma formação que considere os aspectos éticos da profissão aparece claramente nas competências gerais, nas cognitivas e nas comportamentais, não sendo citados diretamente nas competências pragmáticas (DIRETRIZES, 2013).

As diretrizes deixam evidente a necessidade de se trabalhar a ética jornalística em diferentes momentos do curso, revelando a intenção de reconhecer a importância da ética como base para os perfis profissionais. Nesse sentido, a ética deve ser pensada para além da dicotomia entre teoria e prática, e deve estar presente em ambos os “lados”.

Deste modo, a inclusão da disciplina de ética, seja qual podem ser os nomes atribuídos ao debate que envolverá os temas relacionados a esta questão (deontologia do jornalismo, ética e legislação, deontologia e ética etc), tornou-se praticamente obrigatória nos currículos dos cursos de jornalismo do país, principalmente porque agora o tratamento do tema passa a ser um requisito para avaliação dos cursos.

No que diz respeito ao estabelecimento de uma disciplina própria de ética na formação de jornalistas, a medida parece ser um avanço em relação ao período que antecedeu a aprovação das diretrizes quando poucos cursos contavam com a disciplina no currículo, ementários e projetos pedagógicos, superando uma mera retórica a respeito da importância de se incluir a ética nos estudos nas diferentes escolas (CHRISTOFOLETTI, 2011).

## 3.1 Três níveis do ensino de ética

---

<sup>10</sup> A título de amostragem, em Curitiba, onde funcionam sete cursos de Bacharelado em Jornalismo, 100% dos estudantes contam com disciplinas sobre ética jornalística. A seguir, apresentamos o título da disciplina vigente, conforme disponibilizado no site dos cursos: UP (Jornalismo, ética e democracia), UniBrasil (Princípios do Direito e da Ética / Questões Teóricas e Aplicadas de Ética e Política), Uninter (Legislação e ética jornalística), UniCesumar (Ética e legislação do jornalismo), UFPR (Ética e Legislação em Jornalismo), Tuiuti (Legislação e ética em jornalismo), PUCPR (Legislação da Comunicação e Ética Profissional). Acessos em: 17 mar. 2019.



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Para a verificação da eficácia do ensino de ética em jornalismo nos cursos reconhecidos no Brasil, entendemos que se estabelecem três níveis de aprofundamento da temática, sendo que quanto maior o nível atingido, maiores as possibilidades de se conquistar um debate mais elaborado sobre a questão e, conseqüentemente, melhores as condições aprendizado para futuros jornalistas.

Tendo em vista que a inclusão de disciplinas cuja temática central é a ética jornalística, a existência, portanto, de um momento específico para o aprendizado destas questões tornou-se um requisito fundamental para os cursos de jornalismo em todo o Brasil. Este é um indício de que algumas lacunas estão sendo preenchidas na formação, ainda que devamos considerar que existem cursos que não instituíram uma disciplina específica nesse sentido.

Neste primeiro nível, acompanhando as necessidades recentes de reformas dos currículos, os cursos de jornalismo agora passam a ter maior seletividade na escolha dos professores responsáveis pelas disciplinas relacionadas à ética. No lugar de filósofos e práticos, surge a figura de professores formados na área. A existência de uma disciplina própria cria condições para que se eleve o conhecimento sobre ética a outro patamar, uma vez que é destinada uma carga horária, ementa e bibliografia específicas para este debate.

Em um segundo nível, é preciso refletir sobre a didática nesta disciplina, pensando em formas de se trabalhar a ética em sala de aula ou nas atividades laboratoriais ou extensionistas dos cursos de jornalismo. Parte deste esforço tem sido registrado nos relatos publicados no Grupo de Pesquisa Ética e Teoria do Jornalismo dos Encontros Nacionais de Professores de Jornalismo (ENPJ)<sup>11</sup> e na Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo (Rebej)<sup>12</sup>, organizados pela Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ), antigo Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) (ABEJ, 2019).

<sup>11</sup> Ver: < <http://www.fnpoj.org.br/soac236/index.php/index/index/index/index> >

<sup>12</sup> Ver: < <http://www.fnpoj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej> >



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Os colegiados de cursos têm sido, agora, desafiados duplamente. Por um lado, devem pensar a elaboração de aulas e atividades que permitam relacionar o conteúdo previsto nas ementas das disciplinas relacionadas à ética e suas respectivas bibliografias. Por outro lado, também se torna urgente a inserção de debates atuais movidos por novos casos (antiéticos) que eclodem diariamente no meio profissional, decorrentes de uma conjuntura que confronta aspectos tradicionais da profissão, o que, convenhamos, não é uma novidade, se considerarmos que a ética jornalística é uma moral provisória, como define Costa (2009).

Em ambientes onde o debate a respeito do ensino de ética jornalística está mais avançado, encontra-se um terceiro nível, no qual se elaboram discussões a respeito de metodologias de ensino que agregam maior capacidade de aprendizado, reflexão e de aplicabilidade aos futuros profissionais. É o que aprofundamos no próximo tópico.

## 4. POR UM ENSINO TRANSVERSAL E INTERDISCIPLINAR DA ÉTICA

Ao invés de compreendê-la como uma disciplina específica e isolada, a ética deveria ser encarada como um conteúdo contínuo durante o curso, ligada a todas as demais disciplinas, sendo, portanto, objeto de estudo em toda a grade curricular dos cursos. É o que podemos entender como uma relação transversal no ensino da ética jornalística.

Oficialmente falando, no Brasil a transversalidade na educação é entendida como

possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e sua transformação (aprender na realidade e da realidade). (BRASIL, 1998, p. 30)



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

A proposta de um ensino que encare o processo de aprendizagem a partir de uma dinâmica transversal estabelece-se a partir de um senso crítico em relação ao sistema de ensino predominante, no qual sobressaem práticas compartimentalizadas, herdadas da proposta cartesiana de ensino na qual cada disciplina ou cada área do conhecimento de um determinado campo estariam separadas umas das outras. Este modelo implica em currículos elaborados a partir de uma construção de conhecimento que considera pré-requisitos, ou seja, disciplinas “mais simples” que são essenciais para o aprendizado, as quais antecedem obrigatoriamente as “mais complexas”. Assim, a disciplina de ética só faria sentido quando tratada em um período específico do curso.

Nesse modelo, portanto, a ética jornalística é tratada como uma disciplina à parte, trabalhada, geralmente, nos estágios finais. O problema não está no fato de que a disciplina se insere apenas ao final do curso. Da mesma maneira ela poderia ser oferecida no início ou no meio do curso e a ética continuaria a ser encarada como uma área distinta da prática ou distinta da teoria, mesmo que ocorra concomitantemente às disciplinas mais teóricas ou mais práticas.

Os debates mais contemporâneos a respeito da educação e aprendizagem no ensino superior reveem estes processos, considerando, sobretudo, aspectos conjunturais que exigem cada vez mais um conhecimento diversificado dos profissionais e preparado para se adequar a diferentes condições. Estes pensamentos estão associados a uma reflexão crítica a respeito do ensino que vem provocando uma série de ajustes em diferentes âmbitos. No que diz respeito ao ensino superior “o que se mostra urgente e necessário é uma interligação entre as disciplinas ensinadas nas universidades e a realidade vivenciada pelo corpo social, através da relação entre a metodologia de ensino e a experiência do conhecimento” (TREVISAM et. al, 2016, p.6).

Segundo Morin (2001, p. 88), “é preciso substituir um pensamento que separa e isola por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto.”

A partir da compreensão de Yus (1998) de que a transversalidade no ensino se expressa de cinco maneiras (disciplinar; no espaço; no tempo; no currículo; e no ambiente), deve-se compreender dois aspectos determinantes para a construção de um curso cujos conteúdos sejam verdadeiramente transversais. Seria o mesmo que pensarmos que a ética jornalística, como tema, deve ser trabalhada ao longo de todo o curso. Nesse sentido, é preciso que se estabeleçam momentos nos quais as atividades desenvolvidas durante os quatro anos de curso de jornalismo prevejam o resgate de questões éticas que podem ser trabalhadas de diferentes maneiras, de modo que a ética atravesse o currículo, presente sempre em diferentes momentos.

Muitas vezes associada à transversalidade de temas, a interdisciplinaridade também tem sido vista como uma das possibilidades de superação de um ensino arcaico. Se a transversalidade representa então o uso de temas que podem estar alocados mais fortemente em outras áreas de conhecimento por outras áreas, então a interdisciplinaridade pode ser entendida como a

Geração de conhecimentos através de diferentes modalidades de interação visando à integração de conceitos, métodos, dados, ou as abordagens epistemológicas de múltiplas disciplinas em torno de uma idéia, problema, tema, ou questão em particular; A interdisciplinaridade se desenvolveria dentro do campo científico, buscando a superação e reformulação das fronteiras paradigmáticas (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 6)

Conforme conceito mais amplo de Piaget (1970), a interdisciplinaridade diz respeito à associação de diferentes campos científicos, como, por exemplo, o uso de conhecimentos dos cursos das ciências humanas nos cursos de ciências sociais, ou a realização de atividades que reúnem diferentes competências e



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

desenvolvidas em disciplinas distintas dentro de um mesmo campo, sendo que os conteúdos estão, de algum modo, inter-relacionados.

Acontece que, para Piaget, as relações interdisciplinares não devem ser encaradas de forma igualitária, porque cada curso tem sua especificidade e utilizará de mais ou menos conhecimentos de outra área. Portanto, é preciso pensar a aplicação da interdisciplinaridade apropriada para o Jornalismo, de modo que o grau de interdisciplinaridade necessária em um curso de Publicidade, Direito, Pedagogia ou qualquer outro curso, considerando o conjunto de saberes das Ciências Humanas, não cabe para um curso de Jornalismo.

Interdisciplinaridade não deve ser entendida apenas como incursão de uma disciplina específica em diferentes disciplinas, mas também o contrário. Isto é, as questões típicas das demais disciplinas devem ser tratadas também nesta disciplina específica sem que perca sua essência. É o caso, por exemplo, de cursos em que as atividades laboratoriais jornalísticas desenvolvidas em diferentes momentos passam a ser tratadas ou trabalhadas na disciplina de ética. Segundo, que a construção do currículo neste modelo implica um trabalho coletivo que extrapola o ambiente de sala de aula. Ou seja, só é possível pensar e aplicar a interdisciplinaridade a partir do momento em que passa a ser um objetivo de planejamento do colegiado e não de apenas um professor.

Ao invés, portanto, de construir um pensamento cujas especificidades do campo se constroem de modo independentes, as propostas de transversalidade e interdisciplinaridade atuam com um ensino estruturado em grades curriculares cujas disciplinas são interdependentes. Ou seja, é preciso reconhecer a especificidade da ética jornalística ao mesmo tempo em que se observa sua relação e com as demais disciplinas e aplicabilidade em relação às atividades desenvolvidas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Não seria ético afirmar que um professor sem um arcabouço teórico, mas com experiência prática, estaria inapto a ensinar ética. Seria igualmente injusto dizer o mesmo de alguém com teoria de sobra e prática de menos. Mas daria para afirmar com alto grau de confiabilidade que um professor desempenharia melhor essa função caso tivesse conhecimentos adquiridos no mercado e na academia.

Se o que se pretende é produzir boas discussões acerca da normatização da ética jornalística, não dá para desconsiderar a produção científica a respeito e tampouco ignorar a prática cotidiana da profissão. A primeira explica a segunda e vice-versa. Ainda que a teoria ofereça reflexões aplicadas a estudos de caso, nos parece lógico afirmar que um professor consegue explicar melhor algo que já tenha experimentado. De que outra forma ele poderia sanar as dúvidas dos alunos acerca dos dilemas éticos no processo de produção da notícia?

Muito das dificuldades de hoje no ensino da ética jornalística vêm de uma histórica falta de autonomia no jornalismo. Ao se delegar essa tarefa a profissionais de outras áreas, tinha-se algum ganho didático no debate teórico, mas perdia-se muito na discussão da prática jornalística, que é onde surgem os dilemas no exercício profissional.

As novas diretrizes curriculares dos cursos de Jornalismo, de 2013, buscam equacionar o tema da autonomia e apontam a necessidade de associar a teoria à prática. A matriz curricular mais específica tirou do limbo o ensino de ética. Nota-se que cada vez mais profissionais com experiência de campo estão buscando uma formação *stricto sensu* com vistas a aplicar na docência os novos conhecimentos, fazendo justamente a fusão entre teoria e prática.

Agora, um novo desafio que se apresenta é encontrar uma metodologia apropriada para o ensino da ética e a criação de grades curriculares capazes de fazer com que a ética dialogue com as demais disciplinas. Numa proposta de ensino transversal e interdisciplinar, apresentam-se maiores condições de





# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

estabelecer relações com as demais, possibilitando a superação das deficiências e assegurando um melhor aproveitamento no processo de aprendizagem.

Devido a suas características tridimensionais, de todas as disciplinas comuns dos cursos de jornalismo, acreditamos que as relacionadas à ética são aquelas com maior potencial para o estabelecimento de uma linha continuamente comum durante todo o curso de modo a construir pontes entre as demais disciplinas.

## REFERÊNCIAS

ABEJ. Institucional. Brasília: Abej, 2007. Disponível em: <<http://www.abejor.org.br/novo/institucional>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

ABRAMO, Cláudio. **A regra do Jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ABREU, Ana Carolina Ribeiro de. **O Conselho Federal de Jornalismo no Brasil**. Covilhã: Universidade da Beira do Interior, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/abreu-ana-carolina-Conselho-federal-jornalismo.html>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

BBC BRASIL. **Entenda o escândalo de grampos do tabloide "News of the World"**. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/07/110707\\_entenda\\_news\\_of\\_the\\_world\\_mm](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/07/110707_entenda_news_of_the_world_mm)>. Acesso em: 15 mar. 2019.

BORTOLOTTI, Plínio. Por uma deontologia aplicada. In: CARVALHO, Guilherme (org.). **A ética no jornalismo brasileiro: conceitos, práticas e normas**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais**. Brasília, 1998.



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Guilherme. Conhecer o código de ética é fundamental. In: CARVALHO, Guilherme (org.). **A ética no jornalismo brasileiro: conceitos, práticas e normas**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ensino de ética jornalística: pedagogias e metodologias de professores. In: **Comunicação & Educação**, Ano XVI, n. 1, São Paulo: USP, jan/jun 2011. p.25-32

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.

DIRETRIZES Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo. Resolução nº 1, Brasília: Ministério da Educação, Governo Federal, 27 set. 2013.

FIGUEIRA, João. O ensino do jornalismo em tempos de mudança ou como a Universidade deve suplantar o Super-Homem. **Mediapolis**, n.3, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. **Escopo e abrangência da ciência da informação e a pós-graduação na área**: anotações para uma reflexão. *Transinformação*, v. 15, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2003.

GREENSLADE, Roy. *After Leveson: why the teaching of journalistic ethics is so crucial*.

Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/media/greenslade/2013/mar/30/journalism-education-leveson-report>>. Acesso em: 15 mar. 2019.



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

KARAM, Francisco José. **Jornalismo, ética e liberdade**. 2ª edição. São Paulo: Summus, 1997.

KÖNIG, Mauri. O teste diário dos valores e princípios da ética jornalística. In: CARVALHO, Guilherme (org.). **A ética no jornalismo brasileiro: conceitos, práticas e normas**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NUNES, Angelina. O zumbido que acompanha o besouro. In: CARVALHO, Guilherme (org.). **A ética no jornalismo brasileiro: conceitos, práticas e normas**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PIAGET, Jean. *Psychologie et épistemologie*. Paris: Denöel-Gonthier, 1970. p. 149-187.

RESTREPO, Javier Darío. *Cuestión de Ética*. Disponível em: <<http://fnpi.org/es/recursos/relatorias/taller-de-etica-periodistica-con-javier-dario-restrepo-2003>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

RÜDIGER, Francisco. **Origens do pensamento acadêmico em Jornalismo: Alemanha, União Soviética e Japão**. Florianópolis: Insular, 2017.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: EDART – São Paulo Livraria Editora Ltda., 1974.

TREVISAM Elisaide; LEISTER, Margareth Anne; DICHER, Marilu. A transversalidade no ensino superior como via de reforma para uma educação ética e humanitária. **Anais da**



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Conferência Internacional Saberes para uma Cidadania Planetária, Fortaleza: UECE, mai. 2016.

YUS, Rafael. **Temas Transversais**: em busca de uma nova escola. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZELIZER, Barbie. *Has communication explained journalism?* In: TUMBER, Howard. *Journalism: critical concepts in media and cultural studies*. London: Routledge, 2008. P. 208-215.

